

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM GRUPO: Mulheres se Reinventando

Ludmilla Furtado da Silva¹

Colaboradores:

Catiene Félix Lucena²

Dariane Cristina Bezzerá Gomes³

Yasmin Borret Oliveira Ferreira⁴

Jéssica Carvalho do Santos⁵

Lainá Carneiro Nonato⁶

Joyce Militão Filett⁷

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar os efeitos produzidos e partilhados por um grupo de sete mulheres a partir de encontros mensais sem temática definida previamente. A proposta do grupo surgiu a partir de uma vivência de misoginia, que fomentou o interesse em criar um grupo, para que mulheres pudessem relatar suas experiências e principalmente apoiar afetivamente outras mulheres que se sintam de alguma forma diminuída ou reprimida em seu contexto social, familiar, entre outros. O grupo tinha como proposta promover o empoderamento das mulheres à medida que ia ampliando uma visão de mundo e dando novas perspectivas frente a vida. A prática foi nomeada de reinvenção “pelas próprias mulheres”, no encontro inicial. O grupo se encontrou mensalmente, durante 5 meses, com duração de uma hora e trinta minutos, partilhando suas experiências em “ser” mulher numa sociedade machista e engendrada pelo patriarcado. Debates e reflexões giravam em torno do conceito de gênero e empoderamento. Os encontros foram imponentes dispositivos de integração e de apoio socioafetivo.

Palavras-chave: Mulher. Feminismo. Empoderamento. Grupo.

¹Doutoranda em Psicologia Social pelo UERJ.

²Graduanda em Psicologia pelo UNIABEU.

³Graduanda em Psicologia pelo UNIABEU.

⁴Graduanda em Psicologia pelo UNIABEU.

⁵Graduando em Comunicação Social pelo UNISUAM.

⁶Graduanda em Psicologia pelo UNIABEU.

⁷Graduanda em Psicologia pelo UNIABEU.

GROUP EXPERIENCE REPORT: Women Reinventing

Abstract

The objective of this work is to present some effects produced and shared by a group of seven women from monthly meetings without a previously defined theme. The project arose from an experience of misogyny and which fostered the interest in creating a group so that women could report their experiences mainly to affectionately support other women who feel somehow diminished or repressed in their social, family context, among others. The group's proposal was to promote the empowerment of women as they expanded their worldview and gave new perspectives on life. The practice was called reinvention "by the women themselves" at the initial meeting. The group met monthly, for 5 months, lasting an hour and thirty minutes, sharing their experiences of "being" a woman in a macho society and engendered by the patriarchy. Debates and reflections revolved around the concept of gender and empowerment. The meetings were impressive devices for integration and socio-affective support.

Keywords: Woman. Feminism. Empowerment. Group.

Introdução

Discutir empoderamento e reunir mulheres para que se apoiem mutuamente, representa um desafio ao modelo patriarcal de sociedade em que vivemos, pois o poder dominante pertence ao homem que também detém os privilégios de gênero. O empoderamento feminino é entendido como aumento de poder e da autonomia pessoal e coletiva, principalmente daquela submetidas a relações de opressão, discriminação e dominação social (Cruz, 2018).

Esse artigo surge como resultado de um grupo pensado para reunir mulheres que tivessem o interesse em partilhar e problematizar suas experiências, apostando na potência das conexões e nos modos diferentes de existência e resistência na atualidade. Com isso, tínhamos a intenção de criar uma rede de suporte afetivo umas para as outras. Essas mulheres são da baixada fluminense do Estado do Rio de

Janeiro, têm entre 22 e 38 anos e inicialmente não tinham nenhuma ligação entre si. O chamado para o grupo se deu a partir de uma rede social – Instagram- foram disponibilizadas nove vagas para as mulheres que desejassem participar. Em torno de 20 mulheres demonstram interesse, mas o critério para a escolha das participantes passava pelo compromisso de que todas conseguissem estar presentes em todos os encontros previamente combinados. Após a escolha das nove integrantes, duas desistiram no dia que o grupo iniciou, ficando sete mulheres no grupo. No primeiro encontro foi percebido que cinco mulheres se conheciam, mas nem todas tinham proximidades. Proximidades essas, que foram se alargando no decorrer dos encontros

Reunir mulheres para problematizar sua existência e questionar suas funções sociais, significa propor uma mudança na dominação tradicional que o sistema patriarcal vem exercendo e impondo às mulheres. Mesmo acontecendo muitas mudanças culturais, sociais e histórica, o sistema patriarcal sobrevive e incide sobre cada uma de nós. Temos que considerar que o patriarcado mudou ao longo da história, mas tem se concentrado nas relações de subordinação e superioridade e essa mudança faz com que ainda existam características desiguais entre homens e mulheres, no entanto o discurso midiático faz parecer que acontece em menor evidência (Nogueira, 2018).

Empoderar não é só mudar a dominação, mas sim garantir que as mulheres tenham autonomia sobre suas escolhas, seus corpos, sua sexualidade, bem como ter o direito de desprezar o abuso físico, abandonar as decisões unilaterais dos homens (Felgueiras, 2017). No entanto, o contexto do grupo, não só é de discutir gênero numa perspectiva das violências e nem em posição de submissão, mas de transitar para o protagonismo e empoderamento, numa esperança de resistência frente ações do cotidiano. Nesse sentido, alguns mecanismos de intervenção psicossocial perpassaram a nossa discussão visando a contribuir e intensificar as estratégias de resistências das mulheres que ali estavam. Os encontros possibilitaram que elas pudessem ser e oferecer apoio afetivo à outras mulheres. Desse modo, apontamos

que o grupo de mulheres foi um dispositivo para trabalhar questões de gênero, relações e afetos. Enfatizando que os grupos sempre foram a base do movimento feminista ao longo dos tempos (Oliveira, 2017).

O espaço produzido no grupo muitas vezes era potencializado pela fala das mulheres, problematizando questões sociais, políticas e afetivas, capazes de promover enfrentamento e resistências pelo fato de ser mulher, ganhando espaço a dimensão do gênero. Isso nos possibilitava perceber uma ordem coletiva, múltipla e intervencionista na fala de cada uma de nós. Tínhamos que ter a cautela de não deixar prevalecer no grupo um funcionamento totalizante e individualizado que remetia a noção de verdade. Um movimento nada fácil de ser conduzido e que podia alimentar dualidades, afirmando concepções abotoadas, individualizantes e segregadoras. Concepções estas, que poderiam levar a limitação de produção de sentido e ao mesmo tempo fomentar a formulação de intervenções adoecedoras e sem contexto com a realidade.

Quanto a isso, Oliveira (2017) aponta que os trabalhos realizados com grupos de mulheres devem deixar emergir os processos de subjetivação que perpassam os papéis de gênero criando territórios de existência e resistências. Novos sentidos e reinvenção iam ganhando espaço à medida que nós íamos problematizando nossas vivências e experiências e podíamos notar que cada relato dava o contorno necessário para que outra mulher pudesse se expor, sem receio de ter sua fala desqualificada.

Na dinâmica grupal que foi se estabelecendo, as mulheres que ali estavam, foram se aproximando de aspectos do cotidiano e pouco a pouco foram criando entrosamento que ultrapassava a imediaticidade e o diálogo foi se configurando a partir das trocas pessoais, gerando afinidades e solidariedade.

Tinha uma clara relação de reciprocidade, que foi consolidando o grupo, e surgiu o fenômeno da ressonância, que indicava um troca de sentimentos, um compartilhamento das emoções comuns e uma empatia por aquilo que a outra sentia. Tal processo se dá quando a fala de uma mulher rebate nas outras mulheres e as

demais vão interagindo a partir do significado que foi exposta (Hoepers & Tomanik, 2019).

A proposta de grupo , apresentada neste artigo, coloca-se como uma ferramenta de troca de saberes, realizada no consultório psicológico sem necessariamente ter uma conotação psicoterapia. O grupo contava com uma facilitadora que possibilitou o desenvolvimento do processo grupal, não para dirigir ou determinar o processo em si, mas para proporcionar condições de desenvolvimento e interação.

A seguir discorreremos sobre os encontros, que inicialmente não tinham o propósito de ser temático, mas acabou ganhando tema à medida que íamos conduzindo a discussão. Ressaltamos que foram cinco encontros com duração de uma hora e meia onde todas tinham direito à vez e voz. O grupo acontecia mensalmente e cada encontro era negociado e acordado com antecedência num grupo de WhatsApp. Propúnhamos um tema e algum referencial para nortear nossos diálogos que podiam ser músicas, poesias ou textos livres. Éramos sete mulheres falando sobre nós e para nós.

Primeiro encontro: 08 de fevereiro de 2020

A vida só é possível
reinventada.

Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...
Ah! tudo bolhas
que vem de fundas piscinas
de ilusionismo... – mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

Vem a lua, vem, retira
as algemas dos meus braços.
Projeto-me por espaços
cheios da tua Figura.
Tudo mentira! Mentira
da lua, na noite escura.

Não te encontro, não te alcanço...
Só – no tempo equilibrada,
desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.
Só – na treva,
fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

Cecilia Meireles.

O primeiro encontro foi iniciado com a leitura do texto Reinvenção da Cecília Meireles, transcrito na epígrafe deste parágrafo, tivemos oportunidade de repensar como nossas vidas seriam constituídas no ano de 2020. Era fevereiro de 2020 e ainda estávamos em clima de promessas de ano novo. A iniciava da formação do grupo partiu de uma das integrantes após ter vivenciado uma situação muito desagradável vinda de uma pessoa muito querida e foi esse o motivo que a mobilizou a criar o grupo. Isso foi apresentado no primeiro encontro para que todas as outras mulheres, integrantes do grupo, tomassem conhecimento.

Fomos nos questionando sobre relações de amizade e se como mulheres deveríamos manter a qualquer custo uma relação, mesmo que nos parecesse abusiva e fomos constituindo nossa fala com várias lembranças de situações que nos pareciam invasivas e que nos desqualificavam como mulher. Enquanto uma falava, outras iam se conectando com a fala e reconhecendo nos relatos. Essa foi nossa primeira identificação, a de que podemos partilhar nossas experiências e que podemos nos recriar a partir delas.

Ponderamos o quanto a rede social exerce poder sobre os corpos femininos e pode influenciar no sentido de que para ser mulher é necessário seguir um padrão. O texto da Cecília Meireles nos ajudou identificar que cada uma nós precisamos nos reinventar para existir no mundo contemporâneo e foi com essa leitura significativa que conduzimos nosso primeiro encontro: ressignificando o ato de ser mulher.

Era uma manhã de sábado e muitas de nós ainda não sabíamos bem o que estávamos fazendo ali, mas sentíamos que era um bom lugar para estar. Um lugar onde tínhamos por objetivo pensar e repensar a nossa existência e não é qualquer existência. Talvez ainda não soubéssemos o lugar que ocuparíamos na vida uma das outras, mas percebemos que seria possível uma reinvenção. O primeiro encontro nos preparou para os outros e saímos daquele grupo com a certeza de que aquele era o nosso espaço.

Segundo encontro: 07 de março de 2020

Inicialmente para este encontro, foi sugerido temáticas como sexo e abuso no âmbito feminino e como o tema impacta as mulheres, no entanto, por meio das conversas informais via aplicativo do Whatsapp durante a semana que antecedia a reunião, o grupo foi exposto a várias questões que enunciavam como as mulheres são cobradas socialmente para serem perfeitas nas redes sociais e quanto são cobradas para corresponder a uma demanda explícita em redes sociais. O segundo encontro foi marcado por uma discussão, de como é imposto à mulher que ela corresponda a um padrão estético que nem sempre aponta o seu real desejo.

Ao analisarmos e discutirmos sobre esta temática percebemos que a noção de beleza recai sobre um padrão e menções. Referências a este padrão apresentam inúmeras maneiras, tais como: a imagem consensual do belo, a estética do corpo, a ditadura da magreza, um corpo padronizado e que corresponda aos desejos e anseios masculinos (Filho e Souza, 2015). A unha da mulher ter que ser feita constantemente para não parecer desleixo, os pêlos devem ser depilados e o corpo deve apresentar

uma forma atrativa para o público masculino e para concorrer com outras mulheres. O debate foi em torno de um padrão que nós precisamos no sentir desobrigadas, mas que muitas vezes nos obrigamos e nos cobramos para atender.

Debatido isso, coube-nos questionar. O que fazemos em nosso benefício sem pressão ou cobrança social? Quando decidimos pintar as unhas, fazer depilação, entra numa dieta e buscar um corpo marombado a quem estamos servindo? A nós ou a eles (sociedade)? Como somos nomeadas e como somos enxergadas? Temos uma identidade construída ou somos sempre subjugadas aos outros? Fomos percebendo que a forma como nós mulheres existimos no mundo passa por uma lógica machista estruturante e muitas mulheres reproduzem esse discurso sem qualquer questionamento. Coube a nós pensar e debater sobre isso no grupo, mas também nos coube decidir desconstruir essas falsas verdades do imaginário de outras mulheres. Terminamos nosso encontro considerando imprescindível que nós mulheres possamos apoiar outras mulheres em práticas emancipatórias e nem sabíamos, ainda, que entraríamos numa pandemia (Cruz, 2018).

Terceiro encontro: 04 de abril de 2020

O medo pautou o nosso terceiro encontro e tivemos como referencial poético a música “Miedo” dos compositores Lenine e Julieta Venegas que aborda o medo em diversos sentidos da nossa existência. Realizamos este encontro online, pois estávamos em isolamento social por causa da pandemia instalada pelo COVID-19. Analisamos que falarmos de medo naquele momento, fazia muito sentido e que o tema veio em boa hora, pois estávamos a quase um mês em isolamento/distanciamento social por conta do novo coronavírus (COVID-19). Ainda estávamos em processo de adaptação dessa nova maneira de viver e sentir, acabamos por expor as nossas inseguranças a respeito do medo da contaminação, do medo do futuro e medo das incertezas.

Aproveitamos o encontro para compartilharmos nossas inseguranças e compartilhar os sentimentos e sensações que estávamos tendo com toda essa nova maneira de viver. Um relataram cansaço, outras falaram da morte e insegurança de sair à rua. Neste dia, o encontro foi com uma carga emocional intensa, pois estávamos necessitando de falarmos sobre os nossos medos. Algumas narravam receio por seus empregos e de não conseguir se graduar, outras narravam o medo de perder familiares queridos e não ter perspectiva de futuro. Ficamos pensando e conversando se o medo que as mulheres sentem são diferentes de outros medos.

Além do medo inegável da contaminação pelo novo coronavírus, outros medos vieram à tona: medo de andar sozinha na madrugada, medo de encontrar um parceiro agressor, medo de não dar conta de existir enquanto mulher numa sociedade em que o feminicídio estava matando mais que o próprio coronavírus. A música que ouvimos trouxe um alento e foi reconfortante, pois ao mesmo tempo que expúnhamos muitas formas de como o medo perpassa a nossa existência, se apresentando em diversos momentos da vida, também apontamos para a possibilidade de podermos nos reinventar a partir do medo que não paralisa. Destacamos um trecho da música que diz “o medo é uma força que não me deixa andar” isso nos levou a refletir que ter medo é algo inevitável, é inerente à nós, mulheres, e que mais importante do que ter medo é decidir o que faremos com essa emoção: nos paralisamos e somos vencidas por ele ou dominamos e vamos em frente? Percebemos que o medo que tanto abordamos está relacionado a ambientes externos ou a outra pessoa, pois nos sentimos de certa forma ameaçadas e essa sensação gera falta de controle nos tirando da segurança (Thalman, 2013).

Segundo Dalgarrondo (2000), o medo é uma alteração das emoções e dos sentimentos, também é fundamental para a nossa autopreservação e para nos preservar, estávamos nos reunindo. O encontro também era um lugar de autopreservação. Talvez nos parecesse que uma mulher que sente medo não é uma mulher forte, mas sim, podemos experimentar o medo. O medo traz consigo a angústia

que pode nos paralisar, mas mulheres fortes lidam com o medo se apoiando em outras mulheres e sendo o suporte afetivos que precisamos.

Quarto encontro: 09 de maio de 2020

Fomos convocadas pelo tempo a falar de “tempo”. Como ser mulher em tempo de pandemia e isolamento/distanciamento social? Como manter relações próximas mesmo estando distante? O tempo pode ser definido como a duração dos fatos, é o que determina os momentos, os períodos, as épocas, as horas, os dias, as semanas, os séculos etc. A palavra tempo pode ter vários significados diferentes, dependendo do contexto em que é empregada. Usamos para a reflexão deste tema a música “Resposta ao Tempo” de Nana Caymmi onde a cantora relata na letra sobre as fases do tempo assim também como percebemos que nos acontece:

Um dia azul de verão, sinto o vento
Há folhas no meu coração é o tempo
Recordo um amor que perdi, ele ri
Diz que somos iguais, se eu notei
Pois não sabe ficar e eu também não sei
(Caymmi, 1998)

A partir disso, levantamos a questão de que ainda não conseguimos nos acostumar com a passagem do tempo, não conseguimos em certas ocasiões aceitar que o que existe hoje deixará de existir um dia ou que nem sempre daremos conta de tudo. Afinal, é preciso sofrer por consequência de as coisas não acontecerem no tempo esperado? O sofrimento antecipado pode causar ansiedade, fazendo com que a sua saúde seja afetada, então podemos pensar que na vida podem acontecer coisas em seu tempo e outras não, mas que você pode praticar e aprender a controlar os pensamentos, para viver uma vida muito mais tranquila e com menos preocupações.

Sabemos que não podemos controlar tudo o que vai acontecer e sabemos que é altamente improvável que tudo que aconteça seja positivo. A vida, por mais precavidos que sejamos, também pode nos pregar peças. Então não é preciso se

desesperar quanto ao tempo. Será que como mulheres devemos seguir padrões e correr contra o tempo, esse senhor de todas as coisas? Ou pelo menos nos é dito que “ele” é senhor. Não tínhamos respostas para nenhuma destas questões, mas sabíamos que teríamos que lidar com frustrações, imposições sociais e não poderemos responsabilizar o tempo por isso. Isso cabe somente a nós e não é de responsabilidade do tempo.

Quinto encontro: 13 de junho de 2020

Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar
Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar

Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer
Quero viver

Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar
Se alguém por mim perguntar
Diga que eu só vou voltar
Depois que me encontrar

Cartola

O quinto e último encontro teve como tema o sugestivo e intrigante ato de “se encontrar”. Gerou uma certa confusão, pois não sabíamos bem o que essa frase queria dizer: Encontros entre pessoas ou encontrar a nós mesmas? Isso foi motivo de

um amplo debate e conseguimos abordar sobre as duas formas de encontro. E fizemos isso ouvindo a canção “Preciso me Encontrar” do Cartola.

Foi um encontro em que uma das mulheres pôde falar sobre seus medos e incertezas, a partir da decisão de se separar do seu companheiro, o qual vivia alguns anos e juntos tiveram uma filha. O mais intrigante foi que se separar era necessário para se encontrar; notamos ali, naquele momento, que “se encontrar” possui inúmeras vertentes, o que para algumas poderia significar perdas, para outras poderia ser um ganho. Percebemos também, que “se encontrar”, tem a ver com ciclos, com recomeços e que são nos momentos mais difíceis que somos capazes de nos encontrar. Na perda, podemos vislumbrar uma oportunidade de renovação, novas possibilidades.

Neste encontro experimentamos, no relato de outra, a solidão. No relato de uma mulher foi possível partilhar nossos sentimentos, emoções e exercitar a empatia. Tivemos uma percepção do quanto nós iremos ter que nos colocar no colo muitas vezes, e fortalecer nossos encontros (conosco e com os outros) na constituição de relações saudáveis e não em função de exigência de outros (família, amigos e sociedade em geral). Entendemos que “se encontrar”, é convidativo para uma possível revolução, nos retirando da acomodação e cavando oportunidades de vivenciar uma nova realidade.

Este encontro foi o último que tivemos e foi triste o fim, mas foi possível experimentar felicidade e liberdade, estando em contato com outras mulheres, não nos referimos a felicidade e liberdade de forma poética, apesar de ser, mas de forma empoderada e resolvida com a nossa própria existência.

Considerações finais

O objeto deste relato foi explicitar concepções e reflexões produzidas nos encontros que realizamos, reflexões estas que permeiam assuntos atravessados pelas diversas experiências e vivências que tivemos, incluindo as diferentes formas de assujeitamento, pelo gênero e pelas construções sociais criadas em função de uma sociedade capitalista e patriarcal. Estas inferenciais nos permitiram identificar os fatores que consideramos mais relevantes e que compuseram toda a estrutura do processo de construção do grupo. Nos propiciou problematizar nossa existência, demos mais ênfase a nossa autocrítica, reconhecemos nossa autonomia e nos sentimos mais empoderadas de nossas escolhas, nossos corpos e nossa potência afetiva. (Porto, 2014).

A potência desse grupo possibilitou a aproximação de mulheres tão distintas em suas histórias de vida, mas com a vivências aproximadas pelos machismos, feminicídio, sexismos e relações de poder. Foi percebido e sentido que as mulheres têm buscado seu espaço e conseguido muitos avanços, reduzindo a fronteira entre os gêneros de forma considerável, mas também foi percebido que esse alargamento nas conquistas femininas ainda não é suficiente para acabar com o modelo patriarcal que sempre esteve instaurado nas relações de gênero. Neste sentido, as mulheres ainda precisam se dividir em triplas ou mais jornadas, preocupações com cuidados estéticos e físicos, escolher entre ter filhos e vida profissional, cuidar da saúde mental para não se sentir inferiorizada em relação aos homens, por estar em constante luta por salários mais dignos e igualitários.

Ser mulher é um ato que não se esgota num debate único ou em cinco encontros, mas estes podem ser mola propulsora de engajamento e empoderamento. O grupo favoreceu nossas percepções e elucidou nossas experiências nos aproximando enquanto mulheres e nos diferenciando à medida que tomamos consciência de nossas escolhas (Bastos, 2010; Porto, 2014). Dessarte, cabe refletir a relevância deste trabalho em grupo, visto que nós mulheres pudemos nos encontrar na fala uma das outras, estabelecendo proximidade, exteriorizando nossas

individualidades subjetivas que perpassam nossas vivências. Com isso, foi-se emergindo novos sentidos e reinvenções à medida que fomos compartilhando e problematizando nossas experiências, não havendo espaço para desqualificar fala de nenhuma outra.

Em cada encontro foram aludidos temas diferentes. A partir das conversas, foi-se criando uma dinâmica grupal acompanhada de uma relação de reciprocidade entre todas nós. Existiu troca de experiências bem como de sentimentos, compartilhamentos de emoções e vivências, e com isso se solidificou uma relação empática entre as mulheres. Logo, pode-se pensar que a proposta do grupo foi alcançada, pois conseguimos experimentar liberdade, empoderamento, empatia e apoio afetivo em relação às falas.

Devemos alertar para o quanto faz-se necessário espaços de debates coletivos onde mulheres possam se sentir acolhidas em suas falas, suas vivências, suas emoções e experiências. A mulher sente-se vulnerável desde os primórdios das relações sociais, que vai do momento de divisão de tarefas que são atribuídas às mulheres, passando pela exploração do corpo e sexualidade, chegando na exigência da reprodução. Cabe a nós, enquanto sociedade, encontrar possibilidades para diminuir a vulnerabilidade de ser mulher em tempos atuais, favorecendo recursos psicológicos e legais para a construção do tão desejado empoderamento feminino.

Referências

ALTOÉ, André; SILVA, Marinete. Mulher pode ser cidadã? Uma análise a partir do Programa Mulheres Mil. *Caderno Espaço Feminino*, vol. 30, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/36562>

BASTOS, Alice Beatriz. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. *Psicólogo in Formação*, São Paulo, vol. 14, número?, Out. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092010000100010

DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*. edição? Porto Alegre: Artmed, 2000.

FELGUEIRAS, Ana Claudia. Breve Panorama Histórico do Movimento Feminista Brasileiro: das Sufragistas ao Ciberfeminismo, *Revista Digital Simonsen*, vol. 6, 2017, p. 108-121. Disponível em: <http://www.simonsen.br/revista-digital/wp-content/uploads/2017/05/montagem-da-revista-Reparado111.pdf>

FILHO, Moyses; SOUZA, Hunaway. Olhares e reflexões sobre o corpo na cultura contemporânea. *Dialektiké*, vol. 3, 2015. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/dialektike/article/view/3396>

HEILBORN, Maria Luiza. Usos e desusos do conceito de gênero. *Cult*, n. 219 (Dossiê A Quarta Onda do Feminismo), dez./2016.

HOEPERS, Aline; TOMANIK, Eduardo. (CO)CONSTRUINDO SENTIDOS: O GRUPO COMO DISPOSITIVO DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA AS MULHERES. *Psicologia & Sociedade*, vol. 31, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822019000100224

MORAES, L.L. et al. (2018) Pedagogia feminista como processo educativo para a reflexão da políticas pública de ATER no Nordeste. *Interritórios*. *Revista de educação*, vol. 4, 2018, p. (5-29).seriam as páginas?. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/view/236734>

NOGUEIRA, Renzo. A evolução da sociedade patriarcal e sua influência sobre a identidade feminina e a violência de gênero. *Revista Jus Navigandi*: Teresina, ano 23, 2018. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/48718/a-evolucao-da-sociedade-patriarcal-e-sua-influencia-sobre-a-identidade-feminina-e-a-violencia-de-genero>

OLIVEIRA, Luciana. PROCESSOS GRUPAIS DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO: MICROPOLÍTICA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE. Seminário

Internacional Fazendo Gênero: Florianópolis, 2017. Disponível em:
http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498601503_ARQUIVO_Trabalhocompleto-FazendoGenero2017.27.06.17.pdf

FONTOURA, Pedro Rui. Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher. 3. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2014.

THALMANN, Yves Alexandre. 1. ed. Le décodeur des émotions. Paris: First-Gründ, 2013.